

AUTOGESTÃO E AUTONOMIA: DESAFIOS A PARTIR DAS ATIVIDADES DE FORMAÇÃO DA INCUBADORA DE EMPREENDIMENTOS SOLIDÁRIOS (IESOL -UEPG)

GT 1: Autogestão como processo pedagógico

Tipo de Trabalho: 3 - Relato de Experiência

PAES, Fernanda de Arruda¹

ALMEIDA, Isabela Santos²

TORRES, Lillian Cruvinel³

SILVA, Marcia Alves Soares da⁴

Resumo: o processo de autogestão e autonomia, propostos pela Economia Solidária, é um desafio para todos que trabalham nesta perspectiva. Isto porque é necessário romper com vários paradigmas que estamos submetidos, especialmente relacionados à cultura capitalista. Para tanto, apresentaremos a experiência da Incubadora de Empreendimentos Solidários junto a um Empreendimento Solidário e os desafios enfrentados no momento da inscrição de um edital. A análise foi feita através de aplicação de questionários com objetivo de descobrir como a autonomia e a autogestão aconteceram no momento da decisão sobre a participação no edital e a consequente divisão dos prêmios. Assim foi possível descobrir se houve participação popular no grupo, tão fundamental para a construção de espaços democráticos, a fim de incentivar os processos autônomos e autogestionários.

Palavras-chave: autogestão; economia solidária; autonomia; ITCP's.

1 INTRODUÇÃO

¹ Graduanda em Engenharia de Alimentos na UEPG; Extensionista bolsista na IESol;

² Graduanda em Jornalismo na UEPG; Extensionista bolsista na IESol;

³ Bacharel e licenciada em História pela UEPG; Técnica em Economia Solidária na IESol;

⁴ Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Geografia da UEPG; Técnica em Economia Solidária na IESol; marcia.alves.geo@gmail.com

* Pesquisa/extensão financiada com recursos do Projeto MCTI-SECIS/MTE-SENAES/CNPq.

A Economia Solidária, na contemporaneidade, cresce diante de um cenário de desigualdades sociais, degradáveis condições de trabalho e desrespeito aos trabalhadores e trabalhadoras, sendo um projeto de resistência e alternativa frente à proposta capitalista.

Com maior avanço a partir da década de 1990, a proposta da Economia Solidária - EcoSol teve como um dos principais objetivos a inserção de trabalhadores no mercado de trabalho, em forma de cooperativas e/ou associações, a partir dos princípios da autogestão, solidariedade, equidade e cooperação.

Neste cenário, fica clara a necessidade de novas alternativas favoráveis ao desenvolvimento social e produtivo, onde os trabalhadores pobres possam ter níveis mínimos de autodeterminação e geração de renda. A Ecosol vem com a proposta de fortalecer a capacidade de ação dos empobrecidos, com a eliminação da divisão entre trabalhadores e meios de produção, entre produção e apropriação dos frutos de trabalho, tendo como uma das propostas norteadoras a valorização do protagonismo dos trabalhadores (ASSEBURG e GAIGER, 2007).

O protagonismo dos sujeitos se dá a partir dos processos de autogestão e a autonomia, e que são desafiantes em todas as esferas do nosso cotidiano, especialmente em atividades relacionadas ao trabalho. Isto porque desde sempre somos condicionados a processos de heterogestão, isto é, obedecer a ordens, dos nossos pais, professores, chefes, e o processo de libertação passa antes pela reflexão e conhecimento. Assim, é preciso criar condições para sua efetivação, especialmente a partir da participação coletiva.

Essa proposta de organização resulta em práticas novas e totalmente diferentes daquelas que dominam os padrões hegemônicos de convivência, os quais são relacionadas a uma cultura capitalista, reproduzida em décadas e gerações, onde tem relevo especial a competição, o individualismo, a concorrência, a naturalização das ideias de mercado, de lucro, de acúmulo de riqueza em detrimento de outros valores como a cooperação, a associação, a solidariedade, entre outros. (VALADÃO et al, 2015, p. 5).

Singer (2002) acredita que não nascemos designados para autogestão ou heterogestão, mas que a opção por uma delas é cultural. Contudo, como estamos inseridos na cultura capitalista, que privilegia o individualismo, o egoísmo, a subordinação, hierarquia nas relações sociais e também de trabalho, a economia solidária também deve se propor a discutir sobre uma nova cultura: uma cultura solidária. Para tanto, é importante despertar para uma sensibilidade solidária e que possamos refletir a relevância da interdependência em nossas práticas sociais.

1.1 AUTOGESTÃO E AUTONOMIA NA ECONOMIA SOLIDÁRIA: BREVE DISCUSSÃO TEÓRICA-CONCEITUAL E A EXPERIÊNCIA NA INCUBADORA DE EMPREENDIMENTOS SOLIDÁRIOS (IESOL - UEPG)

A forma de gestão tradicional em é o velho ditado “*manda quem pode, obedece quem tem juízo*”. Entretanto, na proposta da Ecosol, é necessário romper com este paradigma, onde não deve haver a figura de um chefe ou patrão, já que todos/as trabalhadores/as devem buscar desenvolver habilidades para tomar suas próprias decisões coletivas, no intuito de propiciar o melhor funcionamento do empreendimento. É importante destacar que este processo democrático não exclui o papel das lideranças nos Empreendimento Econômico Solidário - EES, mas tal figura não pode impor sua vontade, como um chefe ou patrão numa empresa capitalista. Sua atuação é muito importante para os EES, porque representa os EES em determinados espaços, busca articulações, ao mesmo tempo em que participa do processo produtivo. Do mesmo modo como define Veronese (2007):

A liderança, nos empreendimentos, apresenta dois eixos centrais: um implica as tarefas de coordenação, de gestão propriamente dita; outro se refere à relação entre os sujeitos no seu contexto político-institucional, implicando aspectos relacionais, afetivos, comunicacionais e políticos. Temos razões para crer que a presença de lideranças democráticas e integrativas, que estimulem e promovam a participação e o protagonismo dos diversos atores em questão, é fator decisivo para o êxito dos empreendimentos, tornando assim relevante o estudo do fenômeno.

Assim o líder deve ser uma figura aceita por todos, que cumpra o seu papel ao mesmo tempo que incentiva a participação de todos nas atividades relativas ao EES. Para tanto, é importante que as pessoas assumam responsabilidades, isto é, embora não haja a figura de um chefe ou patrão, cada um deve assumir funções, determinadas de forma coletiva, priorizando, portanto, a democracia direta, tornando mais próxima e humana as decisões tomadas pelo grupo.

É fundamental além da participação coletiva e da compreensão da realidade que estão inseridos, que os/as trabalhadores/as realmente exerçam o controle dos EES, não delegando esta responsabilidade para um membro externo ou apenas um único membro do grupo. Para isso, as informações devem ser socializadas e as funções dentro dos EES exercidas de maneira transparente, responsável, buscando efetivar as decisões tomadas pelo grupo, propiciando a construção do bem viver. Neste sentido, a criação de laços de confiança é fundamental e podem se consolidar a partir do despertar para uma sensibilidade solidária.

É claro que este processo é um desafio cotidiano, porque é evidente que haverá conflitos e divergências de opiniões. A partir dos debates, do processo reflexivo e crítico, é que podemos confrontar diferentes ideias, buscando articular as distintas opiniões que possibilitem a melhor tomada de decisão.

Em suma, entendemos que as práticas pensadas em comum, problematizando o contexto local e os interesses dos/as envolvidos/as, são fundamentais para os processos de autonomia e

autogestão. É importante que o grupo também aceite as diferenças e estimule sempre a participação coletiva para a gestão do bem comum.

Aqui também podemos lembrar da proposta de Educação Popular, amplamente debatida por Paulo Freire. De acordo com o autor, “O respeito a autonomia e a dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos conceder uns aos outros” (FREIRE, 2002, p. 25)”. Sendo assim, dentro de um grupo sempre deve-se respeitar o conhecimento do outro, independentemente do modo como lhe foi adquirido. Em nosso trabalho enquanto Incubadora, percebemos que em uma associação, a tomada de decisões coletivas sempre deve partir do pressuposto que todos devem ser respeitados e ouvidos sobre as decisões que para acreditam ser melhor para o grupo.

2 INCUBADORAS UNIVERSITÁRIAS E A EXPERIÊNCIA DA IESOL/UEPG

As Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares (ITCP's) surgem nas universidades brasileiras em meados dos anos de 1990, como forma de desenvolver ações direcionadas para o fortalecimento de empreendimentos econômicos solidários. São formadas por professores, pesquisadores, técnicos e estudantes de várias áreas do conhecimento. Conforme Singer (2002), as incubadoras atendem grupos comunitários que buscam trabalhar e produzir em conjunto, contribuindo com formações em cooperativismo e economia solidária, apoio técnico, logístico e jurídico, viabilizando seus empreendimentos autogestionários.

Em geral, as incubadoras executam seu trabalho com os empreendimentos ao longo de 3 etapas: pré-incubação, incubação e desincubação. Apesar de essas etapas variarem o tempo, métodos e técnicas utilizadas de acordo com a característica de cada ITCP, é possível traçar pontos comuns entre elas. Cruz (2004) caracteriza a pré-incubação como “um período de aproximação e de identificação das potencialidades do processo em cada caso, com estudos de grupo e de viabilidade econômica”, a incubação como articulação entre a assessoria técnica e a formação e a desincubação como processo de “desvinculação entre incubadora e cooperativa”, garantindo que nesta fase o empreendimento já tenha as condições suficientes para se desenvolver sem o apoio da ITCP.

O autor se refere ao processo de incubação de grupos populares como a intersecção entre a universidade e a comunidade. Neste caso é importante que a busca pelo aperfeiçoamento nas metodologias de incubação levem em consideração, não somente os princípios da economia solidária (viabilidade econômica, cooperação e autogestão), mas também que se utilize de técnicas baseadas na educação popular na promoção das ações junto aos grupos, sendo estas pensadas e realizadas de modo dialógico e participativo, priorizando a autonomia e empoderamento das trabalhadoras e trabalhadores envolvidos nesses processos.

A Incubadora de Empreendimentos Solidários é um programa de extensão da Universidade Estadual de Ponta Grossa (IESOL/UEPG)⁵. Foi criada no ano de 2005 com o objetivo de atuar na constituição e consolidação de empreendimentos econômicos solidários na cidade de Ponta Grossa e região. Faz parte da Rede de ITCPs e auxilia os empreendimentos que incubam a se estabelecer de acordo com suas necessidades e especificidades, dentro dos princípios da economia solidária. Acompanha grupos de diferentes segmentos, entre eles assentamentos e comunidades rurais, reciclagem, artesanato, prestação de serviços, etc.

A IESol atua, dentro do processo de incubação, com diferentes eixos que definem a periodicidade dos encontros da incubadora com os grupos, variando conforme as necessidades e atividades realizadas. Seu objetivo principal é a incubação de empreendimentos econômicos solidários, ou seja, empreender esforços para a consolidação dos mesmos, capacitando seus trabalhadores para a geração de trabalho e renda a partir dos princípios da economia solidária, propiciando práticas e vivências anticapitalistas.

São também objetivos da IESol: a construção e permanente avaliação da metodologia de incubação, ou seja, da forma com que o processo de incubação e acompanhamento é realizado; a formação contínua da equipe; a divulgação da economia solidária; a participação em movimentos sociais e nos fóruns de economia solidária e áreas afins, bem como a realização de pesquisas sobre o tema.

3 DESAFIOS DA AUTOGESTÃO E AUTONOMIA NO TRABALHO REALIZADO PELA IESOL

No ano de 2014 a IESol iniciou seus trabalhos com diversos EES, inclusive o que será relatado a seguir. Como não houve o momento de pré-incubação com a o referido EES, as primeiras reuniões (que aconteceriam inicialmente a cada quinze dias) se basearam em atividades de aproximação, com o intuito de conhecer melhor o empreendimento e as pessoas, de modo a elencar demandas reais que viriam a ser trabalhadas durante a incubação. Nesses espaços iniciais, portanto, foram realizadas visitas em espaços de comercialização, aplicações de diagnósticos individuais e coletivos, resgate histórico da associação e troca de vivências.

Ainda na etapa de aproximação, mais especificamente no decorrer do primeiro mês do trabalho com o empreendimento, a equipe de incubação encontrou um edital para captação de recursos e considerou que a associação se encaixava nos requisitos estabelecidos. Por conseguinte, durante a reunião subsequente com o grupo, apresentaram a proposta para as associadas que fazem parte das cozinhas comunitárias, que aceitaram que a equipe de incubação escrevesse o projeto.

⁵ Mais informações podem ser encontradas na cartilha elaborada pela IESol ou no site www.iesol.webnode.com

O edital é direcionado para empreendimentos constituídos por mais de 50% de mulheres nos segmentos de lavanderia e panificação. Seriam premiados 20 empreendimentos com assessoria técnica e eletrodomésticos de linha branca. Dentre estes, os 10 primeiros colocados receberiam R\$ 5.000,00 cada e participariam da cerimônia de premiação e um curso na cidade de São Paulo/SP.

Entretanto a data limite para escrita e envio do projeto estava próxima, a equipe de incubação teve um tempo curto para essa construção, que acabou acontecendo somente com contato direto com a liderança do empreendimento para obter algumas informações que deveriam ser apresentadas no projeto. Após a escrita a equipe de incubação enviou o projeto que veio a ser aprovado em agosto de 2014, ficando entre os 20 empreendimentos premiados, recebendo eletrodomésticos (uma geladeira e um freezer para cada cozinha) e assessoria técnica durante dois anos.

No primeiro contato presencial da equipe de incubação com a Associação, após a aprovação do projeto, foi possível perceber nas falas a empolgação das pessoas, principalmente por conta da aquisição dos eletrodomésticos. Entretanto, nos meses que se decorreram notou-se que estes equipamentos não estavam sendo utilizados por todas as cozinhas. Inclusive, em algumas delas os equipamentos ainda estavam na embalagem de transporte e foram ligados unicamente para testar o funcionamento. Em conversas informais durante as reuniões também foi visto que dos equipamentos que estavam ligados, uma parte só estava armazenando pouca quantidade de ingredientes que são utilizados na produção cotidiana.

Ao analisar esse fato, a equipe de incubação, em reunião interna de planejamento, discutiu como poderia agir enquanto entidade de apoio para potencializar o uso desses equipamentos, de modo a garantir sua funcionalidade e propiciar um aumento ou diversificação da produção, uma vez que as associadas agora dispõem de um local de armazenamento adequado.

Nos espaços de planejamento surgiram diversas ideias sobre minicursos para diversificação da produção, porém grande parte dos temas propostos as associadas das cozinhas comunitárias já haviam feito anteriormente, com outras instituições. Neste momento a problematização do uso dos equipamentos encontrou um ponto mais enraizado e profundo, gerando uma dúvida real: Será que, naquele momento, esses equipamentos eram realmente uma necessidade para todas as cozinhas?

A partir dessa indagação a equipe de incubação resgatou, através de seus registros de atividades de planejamento e incubação, a época de escrita do projeto. No levantamento de documentação notou-se que pouco foi relatado sobre o edital, tanto em reuniões de planejamento quanto de incubação, sendo nesta última apenas citado como informe aos associados os encaminhamentos do projeto.

Ao fazer a autocrítica a equipe de incubação percebeu que houve uma grande falha no diálogo com todos os atores envolvidos e interessados (ou não) neste edital. Partindo da indagação e

do pressuposto dessa análise ser somente uma hipótese, desenvolveu-se uma metodologia de pesquisa, baseada na elaboração de entrevistas semiestruturadas, que abrangiam desde a memória sobre a elaboração do projeto até o uso dos equipamentos e se estes trouxeram impactos na renda familiar e/ou na rotina de trabalho.

As entrevistas foram realizadas separadamente das reuniões com a associação, de modo a garantir que as associadas pertencentes a determinada cozinha pudessem responder partindo de suas próprias realidades, que não é a mesma em todas as oito cozinhas comunitárias, até pelo fato da produção delas serem diferentes.

Na análise das entrevistas foi possível notar similaridades em algumas falas. Na verdade, quando perguntados sobre a participação na elaboração do projeto, apenas a liderança afirmou participar. Quanto ao conhecimento do mesmo, apontaram que souberam através das reuniões com a IESOL ou pela liderança. Vale destacar que uma associada confundiu este edital com o projeto que financia recursos humanos para o trabalho de incubação na IESOL.

Observa-se que as cozinhas que utilizam os equipamentos são aquelas que fazem produtos pré-processados (polpas, geleias, vegetais, etc.), enquanto que as que produzem itens de panificação fizeram pouco uso do freezer. Porém, essas últimas, destacaram a importância da geladeira na produção por manter os ingredientes melhor conservados e água utilizada na amassadeira, resfriada. Além de permitir uma compra maior das matérias-primas utilizadas, gerando descontos no varejo. Uma das associadas chegou a mencionar que a geladeira na cozinha possibilitou melhor qualidade na rotina do trabalho, devido o percurso que ela trilhava inúmeras vezes entre a sua residência e o local de trabalho, para buscar os ingredientes refrigerados.

Ao tratar do aumento da renda após a aquisição dos equipamentos, dentre todas as entrevistadas, apenas a liderança apontou um discreto aumento de 5%, visto que a cozinha desta integrante era uma das que mais poderia se beneficiar da utilização do freezer. Quando perguntadas sobre o interesse em diversificar a produção, as cozinhas com número menor de trabalhadoras manifestaram não ter interesse na proposta, mas algumas disseram que utilizam os equipamentos para fins particulares, como por exemplo, armazenar carne (no freezer) e produtos alimentícios para conservar por mais tempo.

Por fim, a última questão da pesquisa indagava sobre a maneira pela qual a IESOL poderia ajudá-las a potencializar o uso dos equipamentos. Metade das respondentes disseram que não sabiam informar, enquanto outras sugeriram a realização de mais cursos, auxílio na participação do PAA e a aquisição de mudas de árvores frutíferas, para que pudessem dar início ao pomar. Já, a liderança, respondeu que 100% dos equipamentos estão sendo utilizados.

Dessa forma, esses dados desvelam apontamentos que indicam que o processo de construção do projeto não foi nem um pouco democrático ou que privilegiou a participação coletiva. Trouxe

assim, importantes reflexões para a equipe de incubação que passou a questionar sua própria conduta nas atividades com o grupo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na ânsia por buscar financiamentos e apresentar resultados práticos para a associação, a equipe se antecipou e dialogou apenas com a liderança sobre as demandas do grupo. Vale ressaltar que o trabalho com a associação era recente, o diagnóstico ainda estava em fase inicial e grande parte da equipe de incubação estava na incubadora há pouco tempo. A reunião desses fatores indicam que as práticas de educação popular não estavam totalmente estabelecidas no trabalho e no processo de incubação.

Durante o ano de trabalho, a equipe percebeu que a postura centralizadora da liderança aliada às relações de dependência que o grupo desenvolveu na figura da mesma contribui para que os processos burocráticos sejam menos participativos e democráticos. Logo, avalia-se que a postura da liderança em relação ao edital não correspondia necessariamente com as necessidades reais do grupo. Uma vez que, das oito cozinhas, apenas três fazem uso integral dos equipamentos, incluindo a liderança que relatou um discreto aumento na renda.

É inegável a importância do papel da ITCP na escrita de projetos para captação de recursos, visto que na maioria das vezes os empreendimentos não possuem acesso a essas ferramentas. Porém, é vital que isso aconteça de maneira dialógica e participativa, por meio da compreensão das trabalhadoras e trabalhadores dos processos que fazem parte de sua vivê

ncia, contribuindo, assim, no fomento às construções cotidianas de autonomia e compreendendo que posturas que tornem mais favorável o diálogo somente com as lideranças nas tomadas de decisões, especialmente as burocráticas, acabam por endossar um sentimento de assistencialismo, tal qual deve ser combatido por não possuir caráter emancipatório.

Considera-se, também, que é preciso aprofundar as reflexões acerca da função da incubadora e discutir como a IESOL vem (re)pensando suas metodologias de incubação, de modo a aproximar seus princípios e práticas, de modo coerente.

Por fim é preciso que a metodologia de incubação tenha clareza da necessidade de ações que busquem superar a falta de protagonismo e autonomia dos sujeitos que constroem os empreendimentos de economia solidária, para que se possa pensar em trabalho realmente auto-gestionário.

Referências

ASSEBURG, Hans; GAIGER, Luis Inácio. **A economia solidária diante das desigualdades.** Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, Vol. 50, nº 3, 2007, pp. 499 a 533.

COSTA, Bianca. **Economia solidária e o papel das incubadoras tecnológicas de cooperativas populares no Brasil: a experiência de extensão universitária da ITCP-UFV.** Revista ELO - Diálogos em Extensão Volume 02, número 02 - dezembro de 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários para a prática educativa.** Paz e Terra. 25ª edição. São Paulo, 2002.

VALADÃO, Adriano; FILHO, Alnary; BRASIL, Francisco; CUNHA, Luiz Alexandre; BRASIL, Manuela. **A autogestão numa incubadora de empreendimentos solidários.** XII CONGRESSO LUSO-AFRO-BRASILEIRO. Lisboa, 1 a 5 de fevereiro 2015.

VECCHIA, Renato Della; TILLMANN, Reinaldo; CRUZ, Antônio. **A rede de ITCPs – passado, presente e alguns desafios para o futuro.** Revista Diálogo. Nº 18. Jan-Jun 2011. p. 115-144.

VERONESE, M.V. **Psicologia social e economia solidária.** São Paulo, Idéias & Letras, 2007. p. 175.